

**“A cidade comemora...”: o “resgate” da Festa do Divino Espírito Santo pelo Colégio
Coração de Jesus através dos jornais locais (Florianópolis, 1998)**

*“The city celebrates”: the “rescue” the Festa do Divino Espírito Santo by the Colégio
Coração de Jesus through the local newspapers (Florianópolis, 1998)*

Ana Luíza Mello Santiago de Andrade
Mestranda, PPGH-UDESC
analuizaandrade@gmail.com

Resumo: O presente artigo discute as representações de cidade a partir da crônica *Divina Tradição*, de Sérgio da Costa Ramos, veiculada pelo jornal Diário Catarinense em 8 de maio de 1998. Tal escrita versa sobre a Festa do Divino Espírito Santo através das memórias do autor e assim vão se construindo representações de cidade e de juventude, e mais ainda, da cidade onde ocorreram as *mais tradicionais* Festas do Divino. Estudar tal festejo a partir das representações dispostas pelo cronista é o foco deste trabalho.

Palavras-chave: Festa do Divino Espírito Santo; Cidade; Crônica

Abstract: This article discusses the representations of the city from chronic Divina Tradição, of Sérgio da Costa Ramos, propagated by the newspaper Diário Catarinense on May 8, 1998. This writing is about the Festa do Divino Espírito Santo through the memories of the author and so will be building representations of the city and of youth, and even more, the city where there the most traditional Festas do Divino. Studying such representations from the festivity arranged by the chronicler is the focus of this work.

Keywords: Feast of the Holy Spirit; City; Chronicle

“A cidade comemora 100 anos do mais tradicional Colégio na maior festa popular”¹. É com este enunciado no jornal de circulação interna do Colégio Coração de Jesus – Palavra do Coração – que a instituição se mostra pertencente à cidade. Estudando as comemorações referentes aos cem anos do Colégio Coração de Jesus, ocorridas em Florianópolis no ano de 1998, percebe-se que a instituição de ensino usou o espaço da cidade para promover tais festejos. A Festa do Divino Espírito Santo do referido ano, promovida na Praça Getúlio Vargas – ao lado da escola – contou com o Colégio à frente da festa.

A Festa do Divino Espírito Santo é uma conhecida festividade católica na forma de quermesses locais. No centro de Florianópolis o festejo acontece através de atrações musicais,

¹ Jornal de Circulação Interna Palavra do Coração, edição especial de Junho de 1998 encontrado na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

das barraquinhas de comidas e brincadeiras, e das missas e cortejos ao entorno da Praça Getúlio Vargas. Comumente esta festa é promovida por um casal local escolhido para ficar a frente de sua organização. Numa inovação, em 1998 o Colégio Coração de Jesus é chamado para organizar a festa devido às comemorações de seu centenário.

As comemorações referentes aos cem anos da instituição trazem consigo especificidades quanto à feitura das festas. Em todas elas vê-se o centro da cidade como palco das comemorações. Logicamente pela localização da instituição, situada à Rua Emir Rosa, ao lado da Praça Getúlio Vargas. Mas, mais que isso, o espaço central da cidade de Florianópolis agregou com o passar dos anos grande parte das classes médias e altas do município, notadamente compreendidas na triangulação Avenida Beira-mar – Avenida Mauro Ramos e Rua Felipe Schimidt. O Colégio Coração de Jesus situa-se no coração deste triângulo, e com o passar das décadas, ficou responsável pela formação escolar de boa parte desta parcela da juventude. Promover uma festa conhecida pela população local como *tradicional* da cidade é bastante relevante para uma instituição que quer mostrar-se. Tal festa alude às tradições florianopolitanas e a escola, ao promovê-la, mostra-se pertencente à cidade, bem como importante para a mesma, e dessa forma cria laços identitários entre cidade e instituição.

“Divino, uma festa no centro”. É com esta chamada que o jornal Diário Catarinense de 7 de maio de 1998 publiciza a Festa do Divino Espírito Santo de 1998, ocorrida na Praça Getúlio Vargas e promovida pelo Colégio Coração de Jesus. Esta escola comemorava então seus cem anos em prestação de serviços na cidade de Florianópolis e foi conhecida por educar parte significativa² das classes médias e altas florianopolitanas.

A partir das reportagens e matérias veiculadas nos jornais Diário Catarinense e O Estado sobre a Festa do Divino de 1998 pode-se perceber que há uma intenção em reforçar um elo identitário entre o Colégio Coração de Jesus e a cidade de Florianópolis, notadamente reforçando a ideia de que a escola foi capaz de *reerguer* o festejo, proporcionando o *reviver* das festas antigas, especialmente das décadas de 1950 e 1960. Esta modalidade de produção dos laços identitários e de tradição aparecem na crônica de Sérgio da Costa Ramos, intitulada *Divina Tradição*.

Fundado em 1898 pelas irmãs da Congregação da Divina Providência vindas de Munster, na Alemanha, a escola veio a Florianópolis para atender uma demanda da recente

² De acordo com o folder de divulgação das comemorações do centenário do Colégio Coração de Jesus, até 1998 esta escola abrigou em seus bancos escolares cento e oitenta mil alunos.

iniciada república brasileira. Abriam-se as possibilidades para o ensino de mulheres na capital catarinense. Agregando as classes médias e altas do Estado, o Colégio passou pelo século XX figurando na vida pública da cidade, notadamente através de uma presença massiva nos jornais locais. Em 1998, quando da comemoração de seu centenário, esta presença nos jornais torna-se ainda maior, e a opinião pública catarinense passa a auxiliar a escola na divulgação e promoção de seus festejos.

A Festa do Divino Espírito Santo foi uma das comemorações promovidas pela escola no ano de seu centenário. Muitas foram as reportagens veiculadas sobre ela e cabe neste trabalho destacar a crônica de Sérgio da Costa Ramos, de 8 de maio de 1998.

Sérgio da Costa Ramos é cronista do jornal Diário Catarinense e em suas crônicas procura falar do cotidiano da cidade, trazendo sempre à tona suas memórias, suas vivências e suas experiências pessoais na forma de texto. *Divina Tradição*³ busca rememorar antigas Festas do Divino no centro de Florianópolis, agregando valor positivo ao Colégio Coração de Jesus por este ser o responsável por “reviver a festa de fé e tradição”⁴.

O que a crônica deixa entrever em suas linhas são representações de cidade e representações de juventude. Entende-se representação como uma mediação entre as possibilidades de realidade, como aborda Roger Chartier (1989). Desta forma as crônicas de Sérgio da Costa Ramos se apresentam como representações de um período, construídas a posteriori, tendo em vista que o autor nos escrever em 1998, a partir de suas memórias e experiências sobre tais festejos no período das décadas de 1950 e 1960:

Cabelo englostorado à James Dean, cigarro pendente no canto da boca à Humphrey Bogart, a adolescência dos anos 50 e 60 frequentava as barraquinhas do pinhão e do explosivo quentão, carregado de cana e de canela, sem deixar de comparecer ao auto-falante das oferendas sentimentais. “Às brincas”, ou “às veras”, os jovens dedicavam às suas musas canções tão meladas quanto *O beijinho doce*, solfejado pelo acordeon brega de Adelaide Chiozzo.⁵

Vê-se pelas memórias dispostas em forma de texto que o escritor vivenciou o centro da cidade, participou de seu cotidiano e construiu identificações com este perímetro urbano ao ponto de tomar suas experiências como as únicas possíveis para sua geração: seus pares geracionais, para o autor, certamente arrumaram o cabelo como James Dean e, mesmo

³ Título da crônica de Sérgio da Costa Ramos, no jornal Diário Catarinense em 8 de maio de 1998.

⁴ RAMOS, Sérgio da Costa. Jornal Diário Catarinense, dia 8 do mês de maio de 1998, p. 63.

⁵ RAMOS, Sérgio da Costa. Jornal Diário Catarinense, dia 8 do mês de maio de 1998, p. 63.

acreditando fazer parte da *juventude transviada*⁶, freqüentavam uma festa de orientação católica, oferecendo o *beijinho doce* às meninas. Para Michel de Certeau “Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares.” (CERTEAU, 2008: 176). Entendendo a crônica do escritor como uma representação dos passos percorridos por ele em juventude, pode-se concordar com Certeau, afinal são os caminhos daqueles que praticam a cidade que tecem os lugares. Ou seja, àqueles que praticam a cidade definem seu lugar no espaço. Para o autor o lugar “imperam a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar próprio e distinto que define.” (CERTEAU, 2008: 201). Já o espaço é variável, “é um cruzamento de móveis” (CERTEAU, 2008: 202). O espaço é, portanto, definido pelos diferentes vetores que nele habitam, pelos diferentes passos dados, pelas diferentes formas de praticá-lo, ou mais, pela pluralidade de lugares que nele se encontram. Assim, Sérgio da Costa Ramos mostra-nos seu lugar na cidade, mas em sua escrita vê-se a pretensão de descrever um espaço, ou seja, a pretensão de tomar seu lugar como o espaço praticado por todos seus pares geracionais.

Sérgio da Costa Ramos deixa entrever seu pertencimento aos arredores do centro da cidade, pois em sua crônica apresenta sociabilidades específicas deste perímetro urbano. O que se percebe é que o autor tenta dar uma unidade, uma homogeneidade para as experiências de juventude, especialmente da juventude vivida por ele entre as décadas de 1950 e 1960. Assim, a cidade pode ser analisada a partir desta ótica, afinal ela “é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.” (PESAVENTO, 2007: 14). Ainda concordando com a autora entende-se que as “cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo” (PESAVENTO, 2007: 14). A crônica aqui estudada é, portanto, uma atribuição de significados, uma sensibilidade do autor em relação à cidade. A partir das representações de cidade e de juventude que o cronista nos apresenta pode-se inferir que ele busca descrever sua geração através da partilha de experiências, como se pode perceber pelo excerto da crônica onde descreve os flertes e namoros a partir das festividades do divino, notadamente pelo correio elegante, tradicional brincadeira nas quermesses como a Festa do Divino:

⁶ A expressão refere-se ao filme *Rebel Without a Cause* (*Juventude Transviada*), de Nicholas Ray produzido em 1955 e tem James Dean como protagonista.

A “dedicatória” gerava um sorriso, um flerte, um namoro – até um casamento. Mais do que os bailes de debutantes, ou do que o *footing* entre o chamado “Chiquinho” e o Palácio do Governo foram as barraquinhas o romântico ponto de encontro dos casais que deram origem às gerações do século XXI.⁷

O *footing* a que o texto se refere foi prática bastante corriqueira na cidade de Florianópolis durante o período abordado pelo autor. Ricardo Medeiros em *No tempo da sessão das moças* nos descreve esta prática:

Footing em inglês quer dizer andar ligeiro. Em Florianópolis, a expressão tornou-se sinônimo de desfilar calmamente pelos entornos da Rua Felipe Schmidt e Praça XV de Novembro e também como forma de diversão e de flerte dos moradores de Florianópolis nos anos 1960. (MEDEIROS, 2009: 23)

Sérgio da Costa Ramos agrega valor positivo aos festejos do divino quando afirma que os mesmos foram mais significativos para a prática de flertes e namoros que a prática do *footing*, bastante difundida entre a juventude vivenciada pelo autor, e que ocorria com mais frequência que a festa em questão. O autor passa então a selecionar memórias pessoais úteis à construção da festa como uma tradicional prática da cidade.

As vivências de cidade descritas por Sérgio da Costa Ramos nos mostram experiências compartilhadas por uma parcela da população de Florianópolis no período. Tomar tais experiências como características essencialmente florianopolitanas, como fica aparente nos escritos do cronista, significa excluir outras tantas cidades praticadas, por outros atores sociais, de outras religiões, de outros lugares, ou mesmo com outras perspectivas de cidade. Assim, pode-se concordar com Sandra Jatahy Pesavento na assertiva

Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos. (PESAVENTO, 2007: 11)

A cidade de Florianópolis descrita pelo cronista é apenas uma dessas obras reconstruídas pelo homem; uma das cidades possíveis.

⁷ RAMOS, Sérgio da Costa. Jornal Diário Catarinense, dia 8 do mês de maio de 1998, p. 63.

A parcela da população de onde o escritor nos descreve, deve-se salientar, faz parte do perímetro central⁸ de Florianópolis, orientada pela religião católica, afinal frequentou os festejos do Divino Espírito Santo. Mais ainda, a religião católica apresenta-se como um valor bastante presente para o autor das crônicas, e faz parte da representação de juventude que o mesmo busca construir:

De hoje até domingo a pombinha asperge pela praça poções mágicas de paz e de saudade, sobrevoando a mais doce memória da cidade e abrindo as asas para o futuro, que, afinal, ao Divino pertence.⁹

A crônica *Divina Tradição* deixa entrever uma vontade de construir uma memória da cidade de Florianópolis, dando a esta memória uma unidade, uma homogeneidade. A geração delimitada por Sérgio da Costa Ramos nos é apresentada a partir de experiências pessoais tomadas como experiências partilhadas pela geração das décadas de 1950 e 1960. Esta tentativa de forjar uma identidade partilhada e homogênea apresenta-se como uma fértil questão para o tempo presente, podendo-se pensar nela a partir dos estudos de François Hartog que ao cunhar o termo *presentismo* nos abre possibilidades para o estudo de comemorações, memória e identidades.

Em seu texto intitulado Regimes de Historicidade, Hartog discute o *presentismo*, e auxilia na compreensão da História do Tempo Presente, bem como da necessidade dos estudos que envolvem os problemas das comemorações e da memória:

Outra fenda apareceu no presente por meados dos anos setenta, tão bombástica, mas já bem obcecada com predições: mostrou-se ansiosa acerca da questão da identidade, numa busca pelas raízes, uma ânsia de memória, preocupada com o "patrimônio", atormentada pela conservação de monumentos, de lugares antigos ou não tanto, a preservação da natureza. Ansiosa com a recuperação do que fora perdido, ou estava para ser perdido ou inquieta com o que fora "esquecido" (especialmente a memória da II Guerra Mundial). (HARTOG, 1996)¹⁰

⁸ Pode-se tomar como referência para o perímetro central de Florianópolis o espaço compreendido entre as avenidas Beira-Mar, Mauro Ramos e a Rua Felipe Schmidt, todas elas próximas aos espaços citados por Ramos em sua crônica como a confeitaria "Chiquinho" situada na Rua Felipe Schmidt e o Colégio Coração de Jesus, próximo a Avenida Mauro Ramos.

⁹ RAMOS, Sérgio da Costa. Jornal Diário Catarinense, dia 8 do mês de maio de 1998, p. 63.

¹⁰ Disponível em HARTOG, François. Regimes de Historicidade: Time, History and the Writing of History: the Order of Time. In: KVHAA *Konferenser* Stockholm 1996. Disponível em http://www.filch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#* (não consta paginação).

O presente que requer uma memória e que edifica lugares a ela, que a busca no intuito de “recuperar o que fora perdido” e forjar identidades são referenciais para pensar em uma abordagem sobre as comemorações em que se inscreve o centenário do Colégio em Florianópolis/SC, neste caso, notadamente a Festa do Divino Espírito Santo.

A contemporaneidade mostra essa dificuldade em lidar com as fragmentações do indivíduo, com as faltas de homogeneidade e linearidade e busca nas memórias a resolução destes problemas: através delas pode-se forjar identidades, demonstrar linearidades deixando de lado tais fragmentações, e por isso a emergência dos estudos acerca das comemorações é tão cara à História do Tempo Presente, pois tais eventos deixam entrever os usos dados às memórias no presente.

É bastante significativa a construção desta “doce memória da cidade” para a promoção da Festa do Divino preparada pelo Colégio Coração de Jesus. Sérgio da Costa Ramos agrega valor positivo a esta escola por ela permitir que a festa seja “revivida pela impecável organização do Colégio Coração de Jesus”¹¹, e em seguida dispõe suas memórias pessoais no texto em torno da festividade promovida pela escola. Ter o aval da opinião pública, corroborando com a comemoração católica e auxiliando na construção de um pertencimento da festa à cidade, e mais precisamente da importância desta escola na feitura da Festa do Divino, sendo ela a responsável por *reerguer e reviver* as festas como nos tempos relatados pelo autor nos faz pensar na tentativa de forjar identidades, dando um sentido ao presente, fazendo deste um firme chão a ser pisado, afinal o elo com o passado justifica a presença do Colégio na organização da festa, demonstrando a importância dada à instituição na cidade de Florianópolis.

Os valores católicos que o Colégio Coração de Jesus traz consigo é também bastante importante para ter o aval para este trânsito na cidade. O catolicismo se apresenta como um grande motor para as comemorações e para o trânsito da instituição privada na cidade; é ele que une a *juventude transviada* das décadas de 1950 e 1960, a escola, a cidade e tantos outros indivíduos que pela festa circularam. Os valores católicos mostram-se bastante presentes nestas comemorações e apresentam-se como um dos pilares desta sociedade florianopolitana descrita por Sérgio da Costa Ramos.

¹¹ RAMOS, Sérgio da Costa. Jornal Diário Catarinense, dia 8 do mês de maio de 1998, p. 63.

Comemorar é trazer à memória¹², lembrar de algo, ou mais, memorar em conjunto. A cidade do passado aqui apresentada pelo cronista é pensada a partir do presente “que se renova continuamente no tempo do agora”, neste caso “através da memória/evocação, individual ou coletiva”. (PESAVENTO, 2007: 16). A crônica aqui estudada publiciza memórias e auxilia o Colégio Coração de Jesus na comemoração de seu centenário, fazendo dela uma notável instituição privada a ser conagraçada pela opinião pública pela “doce memória da cidade”¹³ que ela foi capaz de reativar. Mais do que isso, o mesmo partilhar de experiências de juventude, disponibilizadas em formato de crônica, constrói uma representação de cidade para os leitores da coluna do jornal e apresenta o festejo do Divino Espírito Santo como uma importante comemoração da cidade, proporcionada pelo Colégio Coração de Jesus, em 1998, fazendo rememorar no cronista sua juventude, trazendo ares nostálgicos e saudosistas ao seu texto.

Referências

- DE CERTEAU, Michel. Introdução Geral. In: A invenção do cotidiano. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Portugal. Difel, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 5ª edição: Curitiba, Ed. Positivo, 2010. O verbete *comemorar*.
- HARTOG, François. Regimes de Historicidade: Time, History and the Writing of History: the Order of Time. In: KVHAA *Konferenser* Stockholm 1996. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#*
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2007, vol.27, n.53
- RAMOS, Sérgio da Costa. *Jornal Diário Catarinense*, dia 8 do mês de maio de 1998, p. 63.

¹²Segundo o dicionário Aurélio

¹³RAMOS, Sérgio da Costa. *Jornal Diário Catarinense*, dia 8 do mês de maio de 1998, p. 63.